

# O valor artístico em Edgar Allan Poe e Honoré de Balzac

Prof.<sup>a</sup> Melina Xavier de Sá Morais<sup>1</sup>

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Betina R. Rodrigues da Cunha<sup>2</sup>

Co-orientador: Prof. Dr. Ivan Marcos Ribeiro<sup>3</sup>

---

**Resumo:** Este trabalho propõe a possibilidade de, mediante um estudo binário entre dois autores distintos, uma discussão sobre um tema muito explorado e relevante às artes, o julgamento de valor. Para tanto, valemo-nos do conto “O retrato Oval”, de Edgar Allan Poe (1809-1849) e da novela *A obra-prima ignorada*, de Honoré de Balzac (1799-1850).

**Palavras-chave:** valor; metatexto; metalinguagem; literatura comparada

---

Sentou-se no chão e chorou. “Quer dizer que sou um idiota, um louco!  
Então não tenho nem talento, nem competência,  
sou apenas um homem rico que se permite seus prazeres,  
nada além disso! Nada criei, então!”  
Contemplou sua tela por entre as lágrimas.

*A obra-prima ignorada*, Honoré de Balzac.

(...) o pintor no ardor incrível de seu trabalho  
não destacava mais do que raramente os olhos de sua tela,  
mesmo, a fim de olhar para sua jovem e linda esposa.

“O retrato oval”, Edgar Allan Poe.

## Introdução

Durante a Disciplina “Historiografia literária: recepção e crítica” do curso de Mestrado em Teoria Literária, da Universidade Federal de Uberlândia, tivemos a oportunidade de discutir textos pertinentes ao nosso Projeto Inicial de Pesquisa, bem como

de apresentá-lo de forma a vê-lo enriquecido com as discussões suscitadas durante a explanação.

Nosso *corpus* de pesquisa é *A obra-prima ignorada*, de Honoré de Balzac (1799-1850), tradução de Teixeira Coelho (2003), pois, no momento, as questões exploradas no posfácio escrito por ele são de suma relevância para as discussões às quais nos propusemos. Dessa forma, o original francês ficará para outro momento da análise. Essa obra foi apresentada na disciplina na forma de um seminário e, com o intuito de aperfeiçoar tais explanações sobre a novela balzaquiana, foi proposta uma outra leitura a ser analisada juntamente com *A obra-prima ignorada*, a narrativa de Edgar Allan Poe, o conto “O retrato Oval”<sup>4</sup>.

Essa proposta de leitura partiu do pressuposto de que as duas narrativas trazem questões similares sobre a questão do valor artístico, em relação à produção pictórica retratada em cada um destes textos. Portanto, partimos do pressuposto da recepção, seja dos leitores ou do próprio artista, diante do diálogo criado entre texto e receptor, assim: “(...) o público participa do próprio ato da criação da obra, em seu percurso histórico, acrescentando a ela interpretações que - quando adequadas - impregnam a própria matéria da obra de arte.” (MATTOS, 1997, p. 15)

O valor é atribuído, portanto, à obra pelo simples olhar que nos dispomos a dedicá-la, que varia de indivíduo para indivíduo. Para tanto recorremos ao teórico Antoine Compagnon (1999) em *O demônio da Teoria*, especificamente ao capítulo sobre “Valor”, a fim de melhor discutir esta temática.

Na narrativa “O retrato oval”, temos a estória de um homem ferido e seu servo chamado Pedro. Na caminhada à procura de um local para repousarem, se deparam com um castelo, onde resolvem passar a noite. Um castelo erguido nos Apeninos, que aparentava ter sido abandonado recentemente. Logo quando entram no castelo, chama-lhes a atenção a decoração, repleta de quadros com molduras douradas. Como já era noite, *o senhor*<sup>5</sup> pediu ao servo que acendesse os candelabros e puxasse as cortinas pretas de veludo por sobre as janelas do quarto, onde o senhor resolvera descansar.

Caso não conseguisse, poderia continuar contemplando os quadros e lendo o livro que haviam encontrado em cima de uma almofada. Livro este, de suma relevância, pois explicava cada um dos quadros dispostos pelo castelo. E, ao elucidar *o senhor* e seus leitores, temos, segundo Samira Chalhoub, em *A Metalinguagem*: (1988): “(...) um falar sobre o próprio código (...). E como se faz isso? Se é linguagem referida – metalinguagem - ela tem um objeto, a linguagem-objeto.” (CHALHUB, 1988, p. 73).

Isso demonstra que a narrativa valeu-se da própria linguagem literária, como

justificava para as produções pictóricas, ocorrendo, assim, uma narrativa dentro de outra, ou melhor, uma metanarrativa. Esta questão discutiremos mais adiante. Então, *o senhor* resolvera dedicar-se à leitura do livro elucidativo de cada uma das imagens. Como já era noite, só os candelabros proporcionavam luminosidade ao ambiente; em certo momento, ele se incomodou com a disposição deles em relação ao livro, pois não conseguia ler perfeitamente.

A fim de bem direcionar a luminosidade sobre o livro, *o senhor* dispôs os candelabros de forma a iluminar. Neste momento, ele até pode ver um retrato, que passara despercebido aos seus olhos pela falta de lume. Ao observá-lo pode identificar que:

O retrato, como disse-o, era o de uma jovem. Consistia-se apenas de uma cabeça e ombros, executado com o feitio do que, tecnicamente, costuma-se denominar de vinheta; ao estilo das cabeças favoritas de Sully. Os braços, o busto e as pontas dos radiantes cabelos dissolviam-se imperceptivelmente na vaga, mas profunda sombra que formava o fundo do conjunto. A moldura era oval, ricamente dourada e filigranada à maneira mourisca. Como obra de arte, nada poderia ser mais admirado do que aquela pintura em si. Entretanto, não teria sido a elaboração da obra, nem a imortal beleza daquela face, o que, repentinamente e com tanta veemência, alterou-me. Também não haveria de crer que minha fantasia, abalada de seu semi-reposo, confundira a cabeça com a de uma pessoa viva. Entendi que as peculiaridades do desenho, do vinhetado e da moldura, dissiparam instantaneamente esta ideia e devem ainda ter impedido qualquer distração momentânea. Ponderando seriamente acerca destes pontos, permaneci, quem sabe, uma hora meio sentado e meio reclinado, com a vista pregada ao retrato. (POE, 1842)

Neste momento *o senhor* vem a descobrir “o retrato oval”. A imagem encantou-o de tal forma, levando-o a uma demorada contemplação em busca do desvendar seus segredos. Segredos de uma pintura que fora capaz, por um instante, de fazer com que ele a visse como a mais verossímil das representações.

Já a novela balzaquiana se passa na *rue des Grands-Augustins*, em Paris, no ano de 1612, quando um jovem, Nicolas Poussin vai ao encontro do seu Mestre, François Porbus. A narrativa se constrói diante da discussão sobre as técnicas da pintura e da tela, “Catherine Lescault” que o mestre Frenhofer (possivelmente o pintor mais experiente dos três) havia pintado, guardando-a com tamanho apreço sem nunca ter sido observada por outros olhos a não ser os seus. Essa obra retrata o drama da criação artística; Frenhofer passara dez anos resguardando sua pintura inacabada sem mostrá-la a ninguém, talvez por ainda precisar de pequenos retoques, para assim, mostrá-la; quando resolve revelá-la, sua obra-

prima é ignorada. Diante de tamanha frustração, prefere sucumbir em nome da arte; queima todas as telas que possuía – uma cena trágica – queima, também, seu ateliê e acaba morrendo.

Partindo desse enredo apaixonado e instigante, o objetivo do nosso estudo é buscar propor uma leitura através dos textos: “O retrato Oval” e *A Obra-prima ignorada* - o valor da obra de arte aos olhos daquele que a produz ou realiza.

No texto do Edgar Allan Poe, é interessante observar a utilização do recurso da metaficção que, segundo o E-dicionário de Termos Literários<sup>6</sup> de Carlos Ceia (2005), seria:

Designação pela qual se tornou conhecido um conjunto de escritores americanos do pós-II Guerra Mundial (John Hawkes, William Gaddis, Vladimir Nabokov, John Barth, Thomas Pynchon, Donald Barthelme, entre outros) que, apesar de possuírem estilos distintos, convergiam, quer numa dimensão experimental quer na busca de uma narrativa fundada numa metalinguagem, uma ficção fundada na elaboração de ficções. A metaficção surge numa tentativa de superar o peso das tradições regionalistas e realistas na literatura americana. Deste modo, conceberá como objetivo imediato a subversão dos elementos narrativos canônicos - intriga, personagens, ação -, tendo como estratégia final a elaboração de um jogo intelectual com a linguagem e com a memória literária e artística.

Alguns elementos, como personagem, espaço, ação, tempo, dentre outros, ganhavam destaque central na construção de um texto literário, bem como nas análises literárias de uma dada crítica, como exposto anteriormente. Porém, com a utilização de novos recursos literários, como o da metalinguagem, foi possível trabalhar a linguagem por meio da mesma.

Afinal, toda e qualquer expressão que se volta a si mesma, que se volta para a expressão do objeto artístico, para sua criação, trabalha com a metalinguagem. Como faz Poe em seu conto para explicar/justificar ao leitor, o que havia de tão surpreendente naquele retrato da bela moça, nos seguintes termos:

Com profundo e reverente temor, recoloquei o candelabro em sua posição anterior. Sendo a causa de minha profunda agitação colocada assim fora de vista, busquei avidamente o volume que tratava das pinturas e suas histórias. Dirigindo-me ao número que designava o retrato oval, li as vagas e singulares palavras que se seguem: “Era uma donzela de raríssima beleza, não mais encantadora do que cheia de alegria. Má foi a hora em que viu, amou e desposou o pintor. Ele, apaixonado, estudioso, austero, e tendo já na sua Arte uma esposa; ela, uma donzela de raríssima beleza, não mais encantadora do que cheia de alegria; toda

luz e sorrisos, e travessa como uma corça nova; amando e acarinhando todas as coisas; odiando apenas a Arte, sua rival; temendo só a paleta, os pincéis e outros desfavoráveis instrumentos que a privavam do rosto de seu amado. Era, portanto, uma coisa terrível para essa dama ouvir o pintor falar de seu desejo de retratar justo sua jovem esposa. (POE, 1842)

O narrador, neste momento, tenta se justificar aos leitores mediante o recurso da metalinguagem, que, muitas vezes, se assemelha a uma autoconsciência narrativa. Temos um texto ficcional que apresenta um outro texto com o intuito de esclarecer e, ao mesmo tempo, dar mais credibilidade a estória narrada. Visto que o leitor, ao saber da existência de um livro que esclarece cada uma das imagens presentes no Castelo, não teria dúvidas sobre a imagem do retrato oval. Assim, para melhor compreendermos o que seria este recurso de linguagem - voltar-se a si mesma - temos:

A palavra metalinguagem, formada com o prefixo grego meta, que expressa as ideias de comunidade ou participação, mistura ou intermediação e sucessão, designa a linguagem que se debruça sobre si mesma. Por extensão, diz-se também: metadiscurso, metaliteratura, metapoema e metanarrativa. Em seu estudo sobre as funções da linguagem, Roman Jakobson (1974) considera função metalinguística quando a linguagem fala da linguagem, voltando-se para si mesma. Tal função reenvia o código utilizado à língua e a seus elementos constitutivos. A gramática, por exemplo, é um discurso essencialmente metalinguístico porque se trata do código explicando o próprio código. (CEIA, 2005)

O livro é inserido na estória do conto a fim de fundamentar os elementos existentes naquela imagem tão especial da bela jovem:

Era uma donzela de rara beleza, não mais amável do que cativa da alegria. Má foi a hora em que viu, amou e desposou o pintor. Ele, apaixonado, estudioso, austero, e tendo já em sua Arte uma noiva; ela, além de formosa e alegre, mostrava-se toda luz e sorrisos, e irrequieta como uma corça nova; amando e afagando todas as coisas; odiando unicamente a Arte, a sua rival; receando só a paleta, os pincéis e outros desfavoráveis instrumentos que a privavam de seu amado. Significava, portanto, algo terrível para esta dama ouvir o pintor falar de seu desejo de retratar sua jovem mulher. Contudo, por ser humilde e obediente, ela sentou-se ternamente por muitas semanas na umbrosa e alta câmara da torre, onde a luz alcançava a pálida tela somente do teto. (POE, 1842)

Com as descrições contidas no livro, descobre-se o quanto o pintor era fascinado

pela sua obra, ou melhor, o quanto valorizava sua criação. Na verdade, ocorre um processo de vulgarização, se assim pudermos considerar, da ficcionalização do texto narrativo e do processo artístico que organizou a manifestação estética, revelando a emoção que esses procedimentos estéticos e picturais da obra de arte representados no retrato. E provavelmente para o seu autor.

Uma obra-prima sobrevive ao longo dos tempos, conservando sua essência, quando é capaz de agradar seu público. A obra, quando ganha *status* naquele que a recebe, transporta este valor de geração para geração. Não apenas Poe traz à tona o valor artístico da obra, mas Honoré de Balzac trabalha bem esta temática, visto que o personagem Frenhofer detinha um sentimento sublime por sua “Catherine Lescault”, a ser observado:

“O quê! , exclamou por fim, como se ferido, “mostrar minha criatura, minha esposa? Rasgar o véu que pudicamente cobre minha felicidade? Mas isso seria prostituí-la! Faz dez anos que vivo com essa mulher. Ela é minha, só minha. Ela me ama. Sorriu-me a cada pincelada que lhe dei! Tem uma alma, a alma que lhe dei. (...) Minha pintura não é uma pintura, é um sentimento, uma Paixão! Nascida em meu ateliê, ela tem de ficar aqui, virgem, e só sair daqui vestida. (BALZAC, 2003, p. 45)

Em “O Retrato Oval”, temos um pintor apaixonado por sua obra artística, como na novela de Balzac. Este sentimento de busca pela perfeição em retratar os elementos da natureza – ato mimético da criação artística – é vivenciado por ambos os pintores em relação ao objeto (esposas) a ser representado. E, ao tentar realizar algo semelhante a seu objeto, acaba por se prender às ilusões do mundo da composição pictórica, assim demonstra a citação:

Mas ele, o pintor, sublimava-se através de sua obra, que continuou por horas e horas, dias e dias. Apaixonado, impetuoso e taciturno, era um homem que se perdia em devaneios; não conseguia perceber que a luz que caía tão lúgubre naquela torre isolada debilitava a saúde e o espírito de sua mulher, que definhava visivelmente, consumindo-se para todos, exceto para ele. Prosseguia ela ainda a sorrir imóvel, sem reclamar, dado constatar que o pintor – que gozava de enorme reputação – adquiriu um arrebatado e ardente prazer em sua tarefa, e atravessava dia e noite para representar a que tanto o amava; a companheira que, dia após dia, arruinava-se e enfraquecia. E, em verdade, os que olharam o retrato falaram, em voz baixa, de sua semelhança como de uma poderosa maravilha, e, não menos, prova da força do pintor, tanto quanto de seu imenso amor pela que retratava tão insuperavelmente bem. Finalmente, como o trabalho aproximava-

se de sua conclusão, ninguém mais era admitido na torre, visto que o pintor enlouquecera com o ardor de sua obra, raramente tirando os olhos da tela (...). (POE, 1842)

Dessa forma, detivemo-nos a investigar o valor que os pintores cultivavam por suas pinturas, atribuindo a elas um lugar de destaque. Como se a arte fosse capaz de substituir a própria vida ou se concretizasse como tal, devido à estima que dedicamos a essas produções artísticas. Quando falamos em valor de uma obra, temos que nos ater à sua variabilidade.

O gosto artístico dependerá do nosso parâmetro de avaliação e/ou recepção do objeto artístico, bem como: “A obra de valor é a obra que se continua a admirar, porque ela contém uma pluralidade de níveis capazes de satisfazer uma variedade de leitores.” (COMPAGNON, 1999, p. 229).

Vale esclarecer, ainda, o papel que a crítica literária exerce para a consolidação das nossas escolhas, enquanto leitores. Como seres sociais pertencemos a uma dada época, regida por leis, regras e critérios, que normalmente, devem ser seguidos. Não sendo diferente, então, para a Literatura que voltando-se para si, busca desvendar-se. Para tanto, alguns elementos são colocados em destaque, como a produção (autor), o próprio texto (sua estrutura) e o receptor. Cada época se consolida diante da investigação à qual se propõe realizar, seja qual for, sempre estará atrelada a uma crítica vigente.

### **Considerações finais**

Através da possibilidade de dialogar uma manifestação com outra ou um texto com outro texto, escolhemos o conto “O retrato Oval”, por ser uma narrativa que retrata outra arte, como a novela balzaquiana. Estes textos se atêm à discussão sobre a pintura e as indagações diante daquele que a produz. Os pintores apresentados e personificados as narrativas são dedicados ao ofício do pintar, bem como são apaixonados por sua realização artística, o que torna suas produções de extremo valor.

Falar de valor em relação às artes é algo relativo, implicando, segundo Antoine Compagnon, que:

O tema valor, ao lado da questão da subjetividade do julgamento, comporta ainda, a questão do *cânone*, ou dos *clássicos*, como se diz de preferência em francês, e da formação desse cânone de sua autoridade - sobretudo escolar -, de sua contestação, de sua revisão. (1999, p. 226)

Como também depende da recepção que esta obra terá. Ao considerar um público leitor, é sabido que os olhares atribuídos a obra se dá de maneiras diversas. Assim, o julgamento de valor que fazemos dela decorre das expectativas que cultivamos, podendo ser de identificação ou não. Se a arte implica a atividade do artista, é autêntico que ela aguarde pela opinião de um público. Sendo que as experiências vividas por cada um deles se entretecem por intermédio de um diálogo: texto-autor-obra.

No conto do Poe como na novela balzaquiana, foi possível identificar, mediante as personagens (os pintores), desde o momento da realização artística até o momento em que a obra se concretiza como real, o quanto o valor artístico atribuído às pinturas proporcionou às narrativas a possibilidade de compreendermos que as construções artísticas se fazem subjugadas por um status valorativo. Muitas vezes não se reconhece tamanha sublimidade na produção, mas a leitura, para ser de aceitação, dependerá da fortuna crítica e/ou de análise dos olhares a ela dedicado. E, quando falamos do público, é sabido que este é diverso, por isso os julgamentos também serão variados.

O pacto, se assim considerarmos, entre autor-obra-leitor permite que a obra se concretize como tal. O leitor passa a ser confidente da estória, identificando-se com ela, ou ao protagonista. Ao dialogar com o texto, o leitor preenche as lacunas existentes, de acordo com as inferências que faz. Estas variam de contexto e de época. Dessa forma, o valor que dedicamos à obra é de suma relevância pois, quando nos envolvemos na atmosfera ficcional, temos a oportunidade de vivenciarmos algo nunca experimentado. E, quando o texto é capaz de nos modificar, falamos então do efeito, que possivelmente Poe e Balzac foram buscar na tragédia.

Ambos os textos terminam com uma mensagem: quando a arte tenta substituir a própria vida ou vice e versa, acabam sucumbidas pela morte. Este final trágico marca as narrativas de forma a instaurar um verdadeiro drama na arte. Isso através do juízo de valor que cultivamos e/ou dedicamos à criação artística de acordo com a nossa recepção. Assim o valor artístico é, em suma, o amálgama da criação artística, pois se dá de forma variável e, muitas vezes, decorre de uma recepção não desejável.

## Referências

BALZAC, Honoré. **A obra-prima ignorada**. Tradução de Teixeira Coelho. São Paulo: Comunique, 2003. 57p.

\_\_\_\_\_. **Le chef-d'oeuvre inconnu**. Paris, **Le livre de Poche**, 2001. **Apresentação de Maurice Bruézière**.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura Comparada**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006. 94 p.

CEIA, Carlos. **E-Dicionário de Termos Literários**. Disponível em: [http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com\\_content&view=frontpage&Itemid=1](http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_content&view=frontpage&Itemid=1). Acesso em: 19 jan. 2011.

CHALHUB, Samira. **A metalinguagem**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

COMPAGNON, Antoine. O Valor. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. In: \_\_\_\_\_. **O demônio da Teoria**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MATTOS, Cláudia V. de. “Introdução”. In: \_\_\_\_\_. **Lasar Segall**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

PAULA, Marcelo Bueno de. O retrato oval (Edgar Allan Poe). **Revista Bestiário**, ano 2, n. 18, agosto 2005. Disponível em: [http://www.bestiario.com.br/18\\_arquivos/poe.html](http://www.bestiario.com.br/18_arquivos/poe.html). Acesso em: 17 Jan. 2011.

AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura**. São Paulo; Perspectivas, 2009.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. Tradução de Joaquim T. Costa e António M. Magalhães. Portugal: Rés Editora, 1978.

\_\_\_\_\_. **O conflito das Interpretações: ensaios de hermenêutica**. Tradução de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1969.

## Notas

<sup>1</sup> Aluna bolsista CAPES do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Uberlândia (Mestrado em Teoria Literária). E-mail: melgrecia@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Professora do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia e Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Letras da mesma Instituição. Co-autora do texto. E-mail: betina@ufu.br.

<sup>3</sup>Professor do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: ribeiro.ivan@gmail.com

<sup>4</sup> O conto “O retrato Oval de Edgar Allan Poe” foi retirado da revista online *Bestiário* que publicou a tradução do conto feita por Marcelo Bueno de Paula. Tendo uma tradução pertinente ao original, nos valem desta, que contribuirá com o nosso propósito, não sendo ele o da tradução, mas de análise literária. Ver Bibliografia.

<sup>5</sup> Consideraremos assim, para uma melhor identificação, pois o único que recebe nome das personagens é o servo: Pedro. A relação servil é comumente dada entre senhor *versus* servo, por isso senhor.

<sup>6</sup> CEIA, Carlos. *E-Dicionário de Termos Literários*. Disponível em: [http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com\\_content&view=frontpage&Itemid=1](http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_content&view=frontpage&Itemid=1) Acesso em: 19 jan. 2011.

---

## The artistic value in Edgar Allan Poe and Honoré de Balzac

**Abstract:** This work considers the possibility of, by means of a binary study between two distinct authors, a discussion on a long explored subject and relevant to the arts, the value judgment. For such, we take the story “The Oval portrait”, by Edgar Allan Poe (1809-1849) and the novel *Le chef d’art inconnu*, by Honoré de Balzac (1799-1850).

**Keywords:** Value; Metatext; Metalanguage; Comparative literature.

---

\* Prof.<sup>a</sup> Melina Xavier de Sá Morais

Currículo - <http://lattes.cnpq.br/4969088100653663>

Endereço eletrônico: [melgrecia@yahoo.com.br](mailto:melgrecia@yahoo.com.br)

\* Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Betina R. Rodrigues da Cunha

Currículo - <http://lattes.cnpq.br/0504371515180190>

Endereço eletrônico: [betina@ufu.br](mailto:betina@ufu.br)

\* Prof. Dr. Ivan Marcos Ribeiro

Currículo - <http://lattes.cnpq.br/6091564611629240>

Endereço eletrônico: [ribeiro.ivan@gmail.com](mailto:ribeiro.ivan@gmail.com)